

Construção artística em dança contemporânea: questões da performatividade e agência

Jussara Sobreira Setenta
Universidade Federal da Bahia
Professora Doutora

Resumo: Para tratar do processo de construção artística em dança contemporânea esse trabalho parte do entendimento de que dança se expressa num fazer-dizer. Assim apresentado esse fazer-dizer dá conta de um processo de construção artística em dança viabilizado por sujeitos-agentes que agem performativamente num espaço intersticial, num entre-lugar, um lugar de passagem onde transitam as informações internas e externas. Esse processo de construção/constituição permite a organização de falas que se constroem de modo intersubjetivo e em corpos que são mídias de si mesmos.

O corpo em movimento de dança participa de um processo contínuo, onde as informações não desaparecem, mesmo depois da apresentação da obra. Embora fugaz, a dança imprime algo no corpo de quem dança e no de quem assiste que vai participar do processo de continuidade das transformações que caracterizam o corpo. A dança, enquanto sistema complexo organiza sua fala, num discurso. Essa fala encontra diferentes espaços de percepção nos diversos sistemas corporais com que entra em contato.

A fala da dança, então, pertence a um processo de muitas possibilidades de percepção e organização: pertence a um coletivo. A informação gruda em todos os envolvidos, seja no processo de construção, no de apresentação ou no de percepção da fala. Dança, na organização de sua fala, não existe para ser entendida, compreendida no sentido em que o senso comum atribui a esse termo, mas sim, trabalhada pela percepção como uma coleção de idéias que arranhou um certo modo de se organizar no corpo.

Isso porque, o corpo possui um elenco de informações que se estabilizam no processo de sua constituição como corpo. Estão impregnadas no corpo variadas experiências que colaboram no processo de produção de falas. O corpo que dança está exposto a distintas formas de preparação corporal e, ainda, a distintas instruções que disparam o processo de construção artística. Corpos em movimento na dança expõem peculiaridades e refletem sobre o seu fazer.

As falas/ações que se tornam visíveis são dizeres possibilitados por inúmeros acordos que o corpo realiza para enunciar as soluções provisoriamente encontradas para

certas condições/posições de se estar no mundo. Esses acordos vão atuar para questionar a existência de um contexto dado, e, além disto, para inaugurar novos contextos. Assim apresentado, esse fazer-dizer dá conta de um processo de construção com sujeitos-agentes.

Para o entendimento de processos de construção artística em dança contemporânea, vamos observar o conceito de agência, de Hommi Bhabha (1998), e o de sujeito-agente, da semiótica peirceana, comentado por Colapietro (1989). Sem aproximações conceituais, os dois autores serão tratados nas suas especificidades referenciais.

Para Colapietro (1989), o sujeito é um signo e encontra-se vinculado a um processo sígnico - denominado por Peirce de semiose. Assim sendo, o sujeito encontra-se num processo de comunicação com o outro e não é entendido como um sujeito isolado. Nesse processo de comunicação ocorre um fluxo discursivo entre falantes e ouvintes onde esses discursos são transformados mutuamente. O sujeito não produz um discurso único. Ao contrário disso, é uma voz contaminada pela voz do outro, e são vários os sujeitos presentes na emissão dessa fala.

Podemos entender que a construção do sujeito, num processo semiótico, se dá num fluxo contínuo de transformação e de contaminação e que, na organização da sua fala são encontrados traços também do ambiente cultural e suas condições. Ele está vinculado não só às leis e normas culturalmente constituídas, como também aos diferentes outros que são encarnados e transformados em ação.

O sujeito é visto não como uma fonte livre primordial de pensamento e ação, mas como um ser tão profundamente imerso no seu tempo e lugar a ponto de ser amplamente, senão completamente, constrangido na sua conduta cognitiva [...] os modos como pensamos, sentimos, e agimos são governados, na sua maior parte, pelas circunstâncias nas quais vivemos; de fato, há leis que determinam como circunstâncias materiais e culturais influenciam a existência humana. (Colapietro, 1989, p.p 40-41)¹

A intersubjetividade presente na organização da fala está engajada numa troca complexa que permite a passagem, a agência, do *self* e do outro e para a existência de sujeitos-agentes que movimentam a exploração e a investigação num processo de produção artística.

¹ the subject is seen not as a primordially free source of thought and action but rather as a being so deeply embedded in its time and place as to be largely, though not completely, constrained in its cognition conduct [...] The ways we think, feel, and act are governed largely by the circumstances in which we live; indeed, there are laws that determine how material and cultural circumstances influence human existence.

Para Bhabha (1998), o sujeito é compreendido a partir de um movimento de deslocamento para um espaço intermediário onde seja possível o trânsito de idéias, conceitos, pensamento, ações, posições. O sujeito não existe individualizado, mas sim exposto a experiências coletivas considerando não apenas os eventos expressos pelo entendimento dos “centros”, mas atento ao movimento das “periferias”.

Essa movimentação absorve fronteiras, cria um outro espaço de atuação e permite um fluxo de continuidade entre diferentes modos de perceber e dialogar no mundo. Esse sujeito é visto sob uma perspectiva intersticial. Não uno e sim múltiplo, está disponível para visitar e reconfigurar modelos históricos, sociais, políticos e culturais. A experiência desse sujeito num processo de construção artística é uma experiência de atuação entre os tempos e espaços que cria

Uma idéia de novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado, refigurando-o como um “entre-lugar” contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O “passado-presente” torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver. (Bhabha, 1998, p.27)

Nesse sentido, observamos que no processo de construção artística o sujeito não se resume num *self* particular, mas se organiza de modo processual e num exercício de reflexão crítica sobre esse fazer que é dizer e que conta com um sujeito encarnado e investido em questões que tratam dos ambientes históricos, sociais, políticos e culturais que dão passagem, criam espaços para transformação e tradução das diferentes vozes e informações que emergem dos modos de organizar esse fazer artístico.

Nessa organização o ambiente da performatividade atua produzindo corpos onde o fazer artístico é o seu dizer. Uma ação artística em dança produz fala de dança. E as ações organizadoras, trabalham com as informações num espaço de agência como lugar dessa ação, que traduzem e transformam questões em outras questões. Transformam as informações em fala performativa, sem deixar de reconhecer as diferentes informações que transitam no processo de construção dessa fala e que agora, estão processadas de modo contínuo.

O pensamento performativo nasce de posições teóricas de Austin (1990) em seu estudo sobre os atos de fala, que vinculavam linguagem à performance e seguiam a premissa de que falar é uma forma de ação. A linguagem, nessa teoria, é o instrumento da realização das ações que não ocorrem fora da linguagem, pois é a mesma que as constitui.

Judith Butler (2000) vai expandir esse conceito compreendendo os atos de fala como uma ação não apenas fonética, mas também corpórea. Traz o entendimento de campos de fala que se organizam no corpo estabelecendo relação com estruturas de poder, observando as intermediações com o mundo. Essa organização corporal em ação reúne e troca informações produzindo efeitos que ampliam a construção da fala e onde ocorre a quebra de contextos *a priori* que o ato de fala realiza.

No campo da construção artística em dança sob essa perspectiva, as propostas seguem um procedimento onde a organização da ação-pensamento possa resistir à soberania do “já determinado” e possa trabalhar relacionando-se com o indeterminado, com o imprevisível. As experimentações rumam para um processo de investigação aberto para outras e diferentes possibilidades. Sem buscar uma equalização de pensamentos, o investimento se dá na organização de propósitos e questões capazes de se enunciarem como um ato de fala.

O conceito de performatividade dirá respeito ao que encena a dança e as diferenças implícitas a esse fazer. A fala performativa é construída no corpo e pelo corpo, que investe em ações e organizações onde o agir exponha corpos-idéias e não corpos-ideais. Compreender o corpo que age performativamente e num espaço intersticial é perceber a emergência do político nos processos de construção artística em dança contemporânea, uma vez em que esse agir está interessado em construir diferenças e não se fixar em modelos constituídos *a priori*.

Agindo em fluxo permanente de transformação e num processo de construção de diferenças, traz como questão à (im)possibilidade de efetivar conclusões acerca desse entendimento. O corpo, em estado provisório de negociações com o mundo interno e externo, atua de modo circunstancial e não se conclui. Não há um resultado único ou último.

Entender que o sujeito-agente de um processo de construção em dança contemporânea é um sujeito encarnado que atua performativamente num espaço de agência onde existe a possibilidade de negociar, transformar e traduzir práticas, pensamentos, posicionamentos, idéias e ideais. Um processo de construção que se põe em andamento, num fluxo contínuo de atuação.

REFERÊNCIAS

- AUSTIN, J.L. Quando Dizer é Fazer: palavras e ação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho do original How to do things with words.
- BUTLER, Judith. Speech Acts Politically in: Deconstruction, a reader, ed. Martin Mc Quillan, 2001.
- BUTLER, Judith. Ruled Out: Vocabulaires of the Censor in: Censorship and Silencing practices of cultural regulation, ed. Robert C. Post, 2000.
- BHABHA, Homi K. O local da Cultura. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. Título original: The Location of Culture. Routledge – London, New York, 1994.
- COLAPIETRO, Vincent. Peirce's Approach to the Self: A Semiotic Perspective on Human Subjectivity. State University of New York Press. Albany, New York, 1989.
- COLAPIETRO, Vincent. The Loci of Creativity: fissured selves, interwoven practices in: Manuscrita – Revista de Crítica Genética 11. São Paulo: Annablume, 2003.